

Um olhar sobre as ruínas da casa e sua correlação com o conflito familiar nos romances **Os dois irmãos**, de Germano Almeida e **Dois irmãos**, de Milton Hatoum

Antonio Aparecido Mantovani*

Resumo

O diálogo entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana não se esgota nas décadas de 30 e 40. Este pode ser observado até a atualidade e com extensão para outras regiões brasileiras, além do Nordeste. A partir desta reflexão, este estudo tem como objetivo investigar, dentro do macrossistema literário de língua portuguesa e no âmbito das relações literárias contemporâneas entre Brasil e Cabo Verde, as tensões das personagens a partir da casa nos romances **Os dois irmãos**, de Germano Almeida, e **Dois irmãos**, de Milton Hatoum. Nessas obras, a casa, distante de sua função de aconchego, em vez de ser “uma das maiores (forças) de integração”, no dizer de Bachelard, transforma-se num ambiente hostil, que impõe o conflito fraterno que se estende aos espaços em seu entorno.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; Literatura brasileira; Estudos comparados; Casa; Drama familiar.

Segundo Germano Almeida, a história que deu origem ao romance **Os dois irmãos** aconteceu na ilha de Santiago, por volta de 1976, quando o autor, como Agente do Ministério Público¹, foi designado para a “acusação de ‘André’ pelo crime de fratricídio”. Passado o julgamento, e nunca se sentindo em paz, Germano escreveu o romance, no qual, segundo ele, a realidade se confunde com a ficção. Desta forma, a escrita parece também ser uma maneira de o autor resgatar e

* Universidade do Mato Grosso do Sul

1 - Essa afirmação consta do frontispício do romance **Os dois irmãos**, chamando a atenção do leitor para a veracidade da história que inspirou o autor a escrever o romance mencionado.

compreender os motivos que levaram André (nome fictício) em sua volta a Santiago a matar o único irmão. Na verdade, a consumação do crime ocorre aparentemente não pela vontade do infrator, mas pela intensa pressão social exercida sobre ele, principalmente por parte do pai que o ignorou completamente até a consumação do fratricídio que repararia a honra.

Tendo em vista que o crime teve como consequência o impacto do meio sobre André, não sabemos até que ponto essa personagem é realmente a culpada pelo fratricídio. Essa dúvida enriquece o texto e instiga o leitor, que pode concluir que André se viu obrigado a cometer um crime de acordo com a expectativa e os valores de uma sociedade que tem como princípio o código de honra.

Por sua vez, o romance de Milton Hatoum centraliza o enredo na história dos gêmeos Yaqub e Omar, o caçula, e as relações destes com a mãe, o pai e a irmã, respectivamente: Zana, Halim e Rania. Nos fundos da mesma casa, localizada num bairro de Manaus, moram a empregada Domingas e seu filho, Nael, um menino que anos mais tarde narra uma estória cheia de vingança, paixão e relações arriscadas, buscando a identidade de seu pai (Yaqub ou Omar).

A intriga tem seu início quando Yaqub é mandado para o Líbano, aos treze anos, para evitar o conflito entre os gêmeos. Como consequência dessa relação conflituosa, o inconsequente Omar estoca o rosto de Yaqub com uma garrafa estilhaçada, causando-lhe um grande corte e uma eterna cicatriz, porque ele havia recebido um beijo no rosto da dengosa mocinha Lívia, que atraía os dois irmãos.

Cheio de mágoas e parecendo um “matuto” Yaqub volta cinco anos depois, transformado num jovem calado e misterioso. Mais tarde vai estudar em São Paulo, onde o frio da cidade parece contagiar também seu temperamento, e ali se casa em segredo. Omar é mandado à capital paulista para tentar obter sucesso semelhante ao do irmão mais velho e descobre que este havia se casado com Lívia, a causadora do principal conflito na infância dos irmãos, o que torna a sua reconciliação impossível. Posteriormente, Omar sente-se também traído nos negócios e espanca Yaqub, que planejará e executará sua vingança impiedosa.

Diante do exposto e tendo em vista que a casa é um importante componente nas duas narrativas, voltemos nossa atenção à importância do ambiente da casa para a configuração das personagens. Por isso, parece-nos imprescindível destacar os preceitos teóricos de Gaston Bachelard sobre o tema. O psicanalista suíço, em **La poétique de l'espace** (2000), consagra, do total de dez, os seis primeiros capítulos aos espaços íntimos e seu significado simbólico, numa espécie de poética da casa. Bachelard compara a alma humana a uma casa antiga e, para compreendê-la e explicá-la, faz-se necessária, segundo o pensador, uma investigação cautelosa e pertinaz.

Para Bachelard, a casa representa a proteção, o nosso primeiro universo, o corpo e a alma. Portanto, não se poderia esperar outro desfecho nos dois romances, na medida em que a casa é tomada, o lar é desfeito e tudo se vai transformando em ruínas, ou seja, num verdadeiro abismo familiar.

Tanto na narrativa de Hatoum quanto na de Germano Almeida é claro o impacto do ambiente interno e externo da casa nas personagens. No romance de Hatoum, o narrador Nael (participante e observador) tem uma perspectiva privilegiada e ganha a confiança do leitor: na condição de filho de um dos gêmeos com a empregada, tinha articulação livre pela casa, e, como observador atento e pessoa de confiança da mãe e do avô Halim, conhecia todos os segredos da casa, menos sua paternidade.

A casa encontra-se dividida pelas disputas travadas pelos dois irmãos pelo amor da mãe, pela atenção do pai e pela constituição de suas identidades. Toda ação está centrada no conflito dos irmãos que divide a família. O próprio espaço físico expressa essa violenta divisão e cada irmão quer, de alguma forma, demarcá-lo. Podemos citar como emblemático o momento em que Yaqub, mesmo morando em São Paulo, envia dinheiro para a reforma da casa, pois, desta maneira, não haveria como olhar para ela sem sentir-se diretamente a sua presença.

Este ato de Yaqub parece representar mais uma marcação simbólica de seu espaço do que propriamente uma ajuda financeira, ou seja, ele consegue uma reapropriação do espaço que lhe foi negado, principalmente quando, ainda na infância, teve que deixar tudo para morar no Líbano. Consciente disso, Omar recusa a ajuda, não permitindo que reformem seu quarto: “Omar desprezou a reforma da casa e da loja. Proibiu que pintassem seu quarto, privou-se de qualquer sinal de conforto material que viesse do irmão” (HATOUM, 2000, p. 131).

Semelhantes, contíguos e com a mesma mobília, os quartos dos gêmeos deveriam ser iguais, no entanto, cada quarto é modelado de maneira completamente diferente. Deste modo, o quarto reflete a personalidade dessas personagens e como cada uma ocupa seu espaço particular: os quartos dos gêmeos funcionam como uma espécie de espelho de seus ocupantes.

A casa, ao contrário, por ser um espaço social, é por todos frequentada. Cenário de importantes ações do romance de Hatoum, sua mobília não demonstra ostentação: apenas um sofá cinzento, algumas cadeiras de palha, um lustre fora de moda, um tapete esgarçado e um altar com a estátua da santa.

Espaço coletivo, a sala torna-se palco de momentos de amor, destempero e violência, local onde o sagrado e o profano convivem lado a lado: ali, Halim e Zana viveram momentos de amor, muitas vezes, “com a alma pura e o gosto da

hóstia no céu da boca, Halim a erguia na soleira da porta” (HATOUM, 2000, p. 65). Espaço das orações de Zana e Domingas por possuir um altar, com a imagem de uma santa e uma bíblia sagrada; a sala também servia de alcova para Omar, que não respeitava o espaço predileto do pai, e, como forma de afrontá-lo:

Certa noite entrou em casa com uma caloura, uma moça do cortiço da rua dos fundos, irmã do Calisto. Fizeram uma festinha a dois (...). Halim sentiu o cheiro de pupunha cozida e jaca; viu garrafas de arak e roupas espalhadas no assoalho, caroços e casca de frutas sobre a Bíblia aberta no tapete em frente do altar, e viu o filho e a moça, nus, dormindo no sofá cinzento (HATOUM, 2000, p. 91).

Halim golpeia sem piedade o filho por ver em sua atitude um insulto, um enfrentamento a ele e ao que havia de mais sagrado, a crença da mãe. A mesma sala, em que tantas vezes Zana rezara pela volta do filho, também presencia o caçula ser espancado e acorrentado pelo pai.

A casa encontra-se dividida, como já foi referido. Zana sente essa divisão, mas não consegue unificá-la. A ruína da casa representa o fim da matriarca. Ela não consegue dissociar sua vida da casa e, ao perdê-la, vai definhando até a morte, que não demora a chegar. A casa significa para ela a presença da família, ainda que estilhaçada, inclusive dos já falecidos: o pai Galib e o marido Halim.

Para Zana, perder a casa significa perder absolutamente tudo, não apenas os parentes ainda vivos, mas até as lembranças dos mortos que ali conviviam em forma de fantasmas. Na verdade, perder definitivamente tudo o que já se perdeu.

Em **Os dois irmãos**, de Germano Almeida (1995), desde o suposto adultério até o desfecho do crime, a casa abandona sua função primeira de aconchego e passa a representar um local de conflito e sofrimento. O próprio pai afirma que “uma desgraça” se abatera sobre a família.

No retorno à casa paterna, a aproximação de André à casa dos pais remete-nos ao calvário de Cristo, o peso das malas semelhante ao peso da cruz que carregará. Essa afirmação parece ser confirmada no oitavo capítulo, quando o narrador afirma que estava “André trilhando, pelo menos pela segunda vez, a dolorosa via-sacra de todo um calvário que não tinha desejado, mas que lhe tinha sido imposto quase pela força a partir do momento em que chegou à porta da casa dos seus pais” (ALMEIDA, 1995, p. 68).

Na casa paterna, a sala, espaço social, local para receber os estranhos, é onde a família geralmente se encontra, mas não para conversar, pois só alguns pequenos monólogos são trocados, algumas vezes provocativos, por parte do pai.

A cozinha, que tem a função de aconchego pela presença do calor do fogo e

dos sentimentos da mãe, não é praticamente frequentada pela família. As refeições não representam comunhão, mas desconforto e conflito. André, que deveria ser acolhido pela volta à casa paterna, passa a ser um intruso na mesa de sua própria casa:

Quando lhe passou a angústia daquela visão, André regressou a casa para o mata-bicho. Disse que se sentou no único lugar que se encontrava vago à mesa, mas o pai, sem olhar para ele, resmungou que aquele lugar não lhe pertencia (ALMEIDA, 1995, p. 123).

O quarto também não se apresenta como espaço agradável, torna-se apenas um local de recolhimento e angústia, quando deveria proporcionar um “devaneio interminável”, como afirma Bachelard (2000). No retorno de Portugal, André encontra seu quarto como deixara, mas a própria disposição dos móveis indica controvérsia. A cama, principal móvel do quarto, deveria estar no centro dele, mas tal não ocorre, ela está localizada num canto à esquerda, podendo representar contrariedade e negativismo em virtude do conflito gerador de um terrível pesadelo.

O primeiro contato que o leitor tem do quarto de André é quando este, ao se aproximar da porta, vê primeiramente sobre a cômoda a fotografia de seu casamento, como se nunca tivesse saído de casa.

Ferramenta da memória, a fotografia capta, recupera e traz à tona no presente um momento vivido que, de alguma forma, dialoga com o passado. Ainda que a foto seja estática e não mude, o seu significado adquire representações diferentes, dependendo do momento vivido. O que era aprazível pode tornar-se desagradável, por criar novas significações a pessoas diferentes, dependendo do contexto.

Se, a princípio, a fotografia do casamento representava um momento de júbilo da família, à medida que a união familiar se esfacela, a fotografia passa a ser um incômodo por presentificar um passado que deve ser esquecido. Talvez por isso, ao retornar a casa após o primeiro encontro a sós com o irmão, André encontra a fotografia propositalmente voltada para a parede.

O filho, indigno, agora é um hóspede intruso, não há mais espaço para ele, mesmo em seu próprio quarto. É hora de partir como um covarde ou vingar-se do irmão. O próprio pai já o instigara ao fratricídio.

Neste contexto, a casa que deveria aconchegar a família e apaziguar o conflito instalado, adquire uma função contrária: é nela que André recebe a maior pressão por meio de um silêncio de morte vindo principalmente do pai, que não aceita que o “crime” fique impune. O próprio narrador afirma que uma das falas do pai é “uma espécie de instigação paterna ao fratricídio” (ALMEIDA, 1995, p. 39).

Além disso, todas as portas da casa literalmente se fecharam para André até o desfecho do crime:

Postou-se um momento junto da mesa olhando o filho numa concentração estática e ausente, como se estivesse a vê-lo num mundo diferente do seu ou então a despedir-se dele e depois, sem pressas, como se executasse um ritual, começou a fechar todas as janelas da casa e a porta que dava para o quintal e depois trancou uma das portas da frente deixando a outra apenas entreaberta e encunhada com uma pedra (ALMEIDA, 1995, p. 124-125).

No dizer de Laura Cavalcante Padilha, em **O espaço do desejo**, as “janelas são a imagem plástica da abertura” (PADILHA, 1989, p. 42). Como tal, possibilitam, sem sair de casa, a que se tenha contato com o que está do lado de fora. Permitem olhar para o horizonte e sonhar com uma nova realidade. Com as portas e janelas fechadas, André sente-se confinado naquele espaço sem sequer poder imaginar uma nova realidade, a menos que sua honra seja refeita.

E, ao consumir a vingança, ansiosamente esperada por todos, novamente todas as portas e janelas são reabertas para André:

[...] reparou que as janelas da casa estavam de novo abertas, as duas portas escancaradas como se fosse dia de festa, e olhava ainda hesitante a temerosa figura do pai quando este desceu os degraus da entrada e, andando devagar, mas firme e solene, caminhou até onde o filho estava e sem quaisquer palavras o tomou pela mão e o conduziu para dentro da casa (ALMEIDA, 1995, p. 152-153).

A porta simboliza a travessia, a passagem do profano para os valores consagrados pela comunidade, do mundo subterrâneo (porta fechada), para o céu, a liberdade social (porta aberta). O pai de André, ao vir ao seu encontro e conduzi-lo para dentro de casa, comprova que o filho já não é mais um estranho na própria comunidade, uma vez que novamente se conforma aos padrões de conduta local e por isso as portas se reabrem para ele.

Honra refeita, o crime ansiosamente esperado por todos, em **Os dois irmãos**, trouxe a casa à função primeira, pois ela volta a ser um espaço de aconchego, principalmente para o filho eleito pelo pai. As próprias visitas, antes ausentes, retomam sua constância.

O final do romance de Hatoum não oferece saída, a casa é destruída e tudo se perde. Restam apenas ruínas e silêncio. A última nota da destruição do passado se

estabelece com a transferência da casa de Zana para Rochiram: “a fachada que era razoável tornou-se uma nota de horror” (HATOUM, 2000, p. 189).

Abstract

The dialogue between Brazilian and Cape Verdean literatures does not end up in the 1930s and 1940s. It can be observed until nowadays and with extension to other Brazilian regions beyond north-east. Based on this reflection, this study aims at investigating, inside the literary macro system of Portuguese language, and in the scope of contemporary literary relations between Brazil and Cape Verde, the tensions of the characters based on the house inside the novels **Os dois irmãos**, by Germano Almeida and **Dois irmãos**, by Milton Hatoum. In these works, the house, far from its function of shelter, instead of being “one of the greater (strengths) of integration”, as Bachelard said, changes into a hostile environment which imposes the fraternal conflict and that reaches the surrounding spaces.

Keywords: Cape-verdean literature; Brazilian literature; Comparative studies; House; Familiar drama.

Referências

- ALMEIDA, G. de. **Os dois irmãos**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- ALMEIDA, G. **A ilha fantástica**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- ALMEIDA, H. Hatoum, **O salto da vida para a arte**. *Jornal da Tarde*, São Paulo, sábado, 8 jul. 2000.
- ARCE, B. C. Tempo, sentidos e paisagem: os trabalhos da memória em dois romances de Milton Hatoum. In: **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances **Dois irmãos**, **Relato de um certo oriente** e **Cinzas do norte** de Milton Hatoum. Org. Maria da Luz Pinheiro de Cristo. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas / UNINORT, 2007.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CANDIDO, A. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, A. Degradação do espaço. In: **Revista de Letras**. Assis, vol. 14, pp. 7-36, 1972.
- CARREIRA, A. **Cabo Verde**: classes sociais, estrutura familiar, migrações. Lisboa: Ulmeiro, 1977.

CRISTO, M. da L. P. de. **Arquitetura da memória**: ensaios sobre os romances **Dois Irmãos**, **Relato de um certo oriente** e **Cinzas do norte** de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas / UNINORT, 2007.

CRISTO, M. **Relato de uma cicatriz**: a construção dos narradores dos romances **Relato de um certo oriente** e **Dois irmãos**. Tese de Doutorado/USP: São Paulo, 1995.

FREIRE, J. A. T. **Entre construções e ruínas**: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum. Tese de Doutorado/USP: São Paulo, 2006.

GANDARA, P. **Construindo Germano Almeida**: a consciência da desconstrução. Lisboa: Nova Vega, Ltda, 2008.

GOMES, S. C. **Uma recuperação de raiz**: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.

HATOUM, M. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARIANO, G. **Cultura caboverdiana** – ensaios. Coleção: Palavra Africana. Lisboa: Vega, 1991.

PADILHA, L. C. **O espaço do desejo**: uma leitura de A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós. Rio de Janeiro: EDUFF – Editora Universitária, 1989.

SPÍNOLA, D. Evocações – A ilha de Santiago e a cultura cabo-verdiana. In: **Evocações**. V. 1. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2004.

TOLEDO, M. P. M. e F. de. **Entre olhares e vozes**: foco narrativo e retórica em **Relato de um certo oriente** e **Dois irmãos**, de Milton Hatoum. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

Webgrafia

GOMES, S. C. **Amar Cabo Verde**. www.simonecaputogomes.com. *Online* em 24/01/2008 às 21:55.